

DOSSIÊ

200 ANNI DI REGNO: NOTAS SOBRE O SEGUNDO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE GIUSEPPE VERDI

“GIUSEPPE VERDI L'È MORTO!”, GRITA um camponês da Pianura Padana (que de Verdi fora o berço) um pouco bêbedo e burlescamente vestido de Rigoletto, numa das primeiras sequências de Novecento, célebre filme de Bernardo Bertolucci. É uma frase que não se pode traduzir com um simples “Giuseppe Verdi morreu”, porque se perderia a nuance dialectal, plebeia, dessa tristeza bêbeda do camponês de Bertolucci, que abre um filme sobre o século XX com a morte de um grande do século XIX. E a cena descreve eficazmente a popularidade transversal do compositor, nascido nos campos da região Emilia-Romagna em 10 de Outubro de 1813, exactamente há duzentos anos.

Talvez nenhum outro artista, nestes dois séculos, soube, melhor que Verdi, encarnar com a sua arte o espírito de um povo e, também para citar outro filme famoso, o “nascimento de uma nação”. Do patriotismo generoso dos primórdios ao riso trocista da última ópera, do idealismo romântico dos seus protagonistas ao cru cinismo de antagonistas desencantados, pais e filhos, velhos e jovens, reis, virgens, sedutores, bruxas, chefes, patifes... a galeria de personagens que povoam o seu teatro é daquelas que só em pouquíssimos artistas podemos encontrar, talvez igual apenas à do amado Shakespeare.

Por isso, decidimos juntar-nos ao resto do mundo musical (e não só) e recordar, também nestas páginas de Estudos Italia-

nos em Portugal, o bicentenário verdiano. Quisemos fazê-lo com um olhar prevalentemente português sobre esta figura que é quase a quinta-essência do artista italiano. Porque o alcance internacional da sua música faz com que exista um “Verdi português”, assim como existe um Verdi autenticamente nacional em todos os países com uma tradição de teatro musical.

Daí o excursus de Maria José Borges, no primeiro artigo, que nos descreve minuciosamente a recepção portuguesa da sua música, que nos teatros de Lisboa e do Porto trouxe ecos de batalhas, não só intelectuais, feitas de música, drama e política. O barítono Jorge Vaz de Carvalho, por seu lado, relata a “Fortuna de Verdi no Teatro São Carlos de Lisboa nos séculos XIX e XX”, dando ao seu trabalho o toque especial do homem que conhece profundamente, e de dentro, os mecanismos do teatro musical. O artigo de Antonio Rostagno repercorre e analisa os dados fornecidos pela historiografia, procurando identificar os motivos que estão na base da rápida difusão das obras de Verdi em Portugal, um fenómeno semelhante ao que se verificou em toda Europa e que reflecte o afirmar-se duma nova sensibilidade estética a partir de meados do século XIX. Marco Beghelli, numas saborosas notas ‘quase autobiográficas’, relembra, entre outros episódios verdianos, uma representação que teve lugar no Teatro São Carlos em 1958, protagonizada pela divina Maria Callas, e um ainda desconhecido Alfredo Kraus, que ficaria na história, por várias razões, não só musicais, como *La traviata* di Lisbona. Nos dois escritos que fecham o dossiê, José Manuel de Vasconcelos transporta o leitor para a vivência da ópera no século XIX, ‘o reino dos limites’, e debruça-se sobre algumas temáticas salientes das óperas verdianas, enquanto Roberto Gigliucci apresenta uma reflexão aguda e estimulante acerca da ‘religiosità di Verdi’.

MARCELLO SACCO
GIANLUCA MIRAGLIA